

## O OLHAR VIGILANTE DA FLORESTA<sup>1</sup>

A recolha das manifestações da cultura popular baiana que estamos realizando no Instituto de Letras da UFBA, há duas décadas, já efetivada em setenta municípios, tem colocado diante de nós um produto cultural diversificado, repleto de significados etnográficos e bastante expressivo do ponto de vista da diversidade dialetal e poética. Dessa variedade de formas e de gêneros documentados em nosso Estado, encontram-se os “causos” de lobisomem, mula-sem-cabeça, mãe-d’água, caipora, relato de acontecimentos vivenciados com muita emoção por homens e mulheres em contacto direto com esses seres míticos, com indicação precisa da hora e lugar. Geralmente são relatos fornecidos por quem passou pela experiência ou por alguém muito próximo, quase sempre a família, e testemunhado por mais de uma pessoa, o que não deixa dúvida quanto à veracidade do ocorrido.

“E eu vi aquela zoadá: **Eou-hou-hou-hou-hou**, dez e meia, aquele barulho, aquele ruído danado! “Meu Deus, o que é aquilo?!” Aqui no sertão tem um animal que nós chamamo caipora. Essa que nós chama caipora diz que é a rainha do mato, a dona do mato, né? Ela encanta, pinta o sete! Aí nos tava mais os menino, nós veio lá, aquela zoadá era qualquer coisa.” (Edmundo Cerqueira Campos, 1993)

Nesta nossa palestra falaremos de causos de Caipora. Para isso selecionamos 12 versões coletadas em diferentes pontos da Bahia nos últimos dez anos.

“Mato tem olhos, parede tem ouvidos”.

A Caipora é um ser mítico que habita no mato, defensor da vida animal selvagem. Aliás a etimologia do termo já define o lugar da sua morada: caá = mato; pora = habitante. Recebe diferentes nomes a depender da região em que aparece. Na área pesquisada, caipora é sempre o termo usado para designá-lo, contrariamente ao que acontece no Norte do Brasil, onde é conhecida por Curupira, um ser mitológico que tem os pés voltados para trás, como registra Câmara Cascudo: “O Curupira é um caipora, residindo no interior das matas, nos troncos das

---

<sup>1</sup> In: Anais do VII Congresso ABRALIC - Terras e Gentes, 2000. Salvador, 2004.

velhas árvores” (CASCUDO, 1972 p. 223). Mas em um dos relatos selecionados, a informante faz questão de afirmar: “Ela não tem o pé para trás.” (v.1, Alagoinhas). Por vezes, sua figura é descrita como a do Mapinguari, ou Polifemo, apresentando-se com um único olho na testa, documentado em uma versão de São Paulo (Rev. Arq. Municip.). Usando diferentes formas e variados artifícios, a caipora protege os animais da ação pedratória do caçador, enredando-o nas malhas enganadoras dos labirintos da floresta, das quais só se livra através da prática de alguns rituais. Apenas os iniciados, decodificadores desses signos, sabem orientar-se nos meandros da mata, conhecem os seus segredos e detêm o saber que pode neutralizar as suas armadilhas colocadas a cada passo.

Por vezes são-lhe atribuídos poderes extraordinários, como o de ressucitar animais mortos sem a sua permissão, fato não registrado nas versões em estudo, mas documentado em uma das versões coletadas por Silva Campos no Recôncavo baiano:

Daí a pouco apareceu o caipora. Era um molequinho, do qual só se via uma banda, preto como o capeta, peludo como um macaco, montado num porco magro, muito ossudo, empunhando um ferrão comprido como o quê. Vinha fazendo um alarido dos pecados, assoviando, gritando que nem um danado, numa voz muito fanhosa:

– Ecou! Ecou! Ecou!...

– Dando com os porcos mortos, estirados no chão, começou a ferroa-los com força, dizendo:

– Levantem-se, levantem-se, preguiçosos! Estão dormindo?

Eles levantaram-se depressa e lá se iam embora, roncando. (CAMPOS, 1939, p.244)

No cordel, há uma versão bem semelhante a esta de Silva Campos:

Quando ia dirigir-se  
aos porcos mortos no chão  
um moleque apareceu  
com um enorme ferrão  
montado num porco-espinho  
na densa vegetação.

E enfiando o ferrão  
nos flancos dum animal  
mandou-o se levantar  
que o tiro não foi mortal  
o porco saiu correndo

por dentro do matagal.

(SILVA, *Lenda do Caipora*)

Vejamos alguns desses relatos na voz revivificada na rememoração da experiência:

“Aí nos tava mais os menino, nós veio lá, aquela zoadá era qualquer coisa. (...) Aqui no centro da caatinga, de noite, uma hora dessa, rapaz! Que negócio é esse! Aí nós subimos no pé de umbuzeiro. Com pouco lá se vem a barulhada: **ou-ou-ou-ou!** Um caboquinho, comadre, montado num porco, um porco do mato. Vixe, rapaz! Quando ele passou por debaixo e nós por cima, menina, que meteu o machado na testa dele, foi **teiiim!** Ele diz: “Ô pancada danada! Mas nem caiu... Aí no outro dia eu tava tombém ali, fui caçar sozinho. Aí quando tou olhando assim pra juriti, aí vi levantar-se aquela mulezona, morena bem escura, alta, magra, e só tinha uma perna só. Oxente, que negócio é esse! Aí levantou toda ... mesmo com três metro de altura. Eu, “crem-deus-padre!” Aí virou pra mim assim: “O senhor tem fumo?” Eu tinha um pedacinho de fumo dest’tamanho, entreguei, né? Foi só pegar o pedacinho de fumo, embolou todinho e colocou dentro do cachimbo. Aí ficou olhando pra mim com o cachimbo sem sair fumaça, **popo-popo!** E eu apreciando. Menino, quando eu mudei a vista, essa muler soltou um jato de fumaça por baixo: **xoooouuuu!** que só viu foi foia por tudo quanto é canto! Que eu procurei, eu viajei e sai retado, assim umas três légua perdido! Foi, com certeza a rainha do mato!” (Edmundo Cerqueira Campos, Canudos, 1993)

Em outro depoimento, fornecido por um senhor de Taperoá-Ba, em 1996, o relato faz referência a uma cena no manguezal. No período da desova, quando o garanguejo fêmea sai para por os ovos na maré, os apanhadores, dado à quantidade desses animais, se aprofundam no lamaçal e quando querem voltar, não acertam o caminho. O manguezal, com tantas raízes, mais parece uma floresta e “além de floresta é um berçário”, nos diz ele. Então dizem que foi a caipora que enganou. Ela se transforma, às vezes, em uma mulher alta e depois em uma miragem, né? Se transforma em uma mulher baixa, depois chama:

“Venha pra cá”! E eles vão. Aí diz que é alucinação. Eles ficam pensando que é a caipora. Até hoje pescadores levam uma capanguinha amarrada com alho e fumo para a caipora não enganar. Assim fazendo, eles podem andar três ou quatro quilômetros dentro do manguezal que não tem nada”

Dos índios Pankararé, que habitam no Raso da Catarina, temos um outro relato, fornecido pelo cacique Afonso. A maneira com que pessoas da tribo mantêm contacto com essas entidades, demonstra certa familiaridade entre eles, existindo inclusive formas de atraí-los:



esfriar.(...) Mas daí elas já foram perdendo o caminho. (...) Será que nós não estamos perdida, que a caipora não nos enganou?!” (Fernadina Paranhos Chave, Salvador, 1989).

Esses seres vigilantes guardam os espaços do seu domínio contra o invasor, cujos limites só podem ser ultrapassados por meio de rituais. A Caipora, moradora da mata, é um desses seres vigilantes. Usando diferentes formas e variados artificios para afastar o caçador do território protegido, ora confunde o seu senso de orientação fazendo-o perder-se na mata, ou então lhe aplica castigos físicos pela indevida invasão desses espaços, como documenta uma outra versão: “Vocês tão querendo muita coisa, hoje aqui pra vocês não tem nada! Se não quiserem apanhar mais, tome o caminho e vão embora lá pro ranchinho de vocês e vão cuidar da roça de vocês!” (v. 5, Canudos)

### **Descrição física**

Em 08 das 12 versões baianas estudadas, a Caipora não é descrita fisicamente. O efeito encantatório manifesta-se de diferentes modos no momento que o indivíduo penetra no seu território: Um grito que o confunde: “Evém boi”; pela explicitação de um desejo seu: “Quero pitar muito”; ou simplesmente pela evocação do seu nome. A invasão do seu campo magnético é percebido por meio da visão ou da audição através de diferentes signos, mas sempre utilizando aspectos naturais do mundo: “caindo como quem era chuva e eu botava a mão dum lado e nada de chuva” (Oldaque Martins da Silva. Xique-Xique, 1999); ou por meio de ventania: “dava aquela ventania nos pau, os pau pegava a ringir, aquela zoada” (Ângelo de Jesus. Teodoro Sampaio, 1998). Algumas versões, contudo, trazem uma descrição detalhada da figura da caipora. Ora ela se apresenta como uma mulher alta, bonita, de pele clara, “os cabelos, não vê cabelo de milho? É assim, cabelo de milho. Ela aparece assim, espiando tudo o que você está fazendo, um lado só. Se você vê o outro lado, você não volta pra casa.” (Regina, Alagoinhas, 1998); ora como uma “mulezona bem alta, com 3 metros de altura, magra, morena escura, de uma perna só,” o que leva a confundir-la algumas vezes com a figura do Saci, mormente pelo fato de também aparecer fumando cachimbo (Edmundo Cerqueira Campos. Alagoinhas, 1993); mas também ela se mostra como um caboclinho montado num caitetu; sob a forma de um peba que fala (Maria Rita. Canudos, 1992) ou até mesmo como um homem todo vermelho com um enorme cachimbo (v. 12,

Amargosa). A capacidade de metamorfosear-se, às vezes, para um mesmo espectador, faz parte dos seus sortilégios, do seu poder encantatório. E tal como Artemis, a deusa grega guardiã da floresta, mostra-se nas suas várias faces. Seu humor, contudo, depende do tratamento que lhe dispensam: alegre e até mesmo gaiata, quando satisfeitos os seus caprichos e desejos; raivosa, se maltratada com xingamentos (Regina. Alagoinhas, 1998), porém jamais perde o ar de superioridade. Em alguns relatos, o xingamento funciona como uma espécie de antídoto para o visitante neutralizar o seu poder. Porém nada se compara à eficácia do fumo: “o pessoal que andava no mato, andava sempre com fumo na capanga (...) e quando a Caipora ia, a coisa não pegava” (Fernandina Paranhos Chaves, Salvador, 1989);

“Nego tá perdido, já sabe, se tiver um pedaço de fumo no bolso ou o cigarro mesmo, é só tirar o fumo, enfiar na cabecinha do toquinho assim, bota, ela chega, pega, cheira, sai espirrando pior do que a zorra, espirra igualmente a gente.” (Fernandina Paranhos Chaves, Salvador, 1989);

ou, mais raramente, vestir a roupa pelo avesso, dizem, também se mostra eficaz.

A floresta foi para o homem medieval, ao mesmo tempo, o território que prolongava e completava os seus campos e o lugar dos seus lendários temores. (Le Goff, 1994, 90/7) Era também o território suplementar das atividades econômicas do trabalhador, mas sobretudo espaço aterrador para o caçador não habituado a orientar-se nos seus segredos, uma vez que os agricultores e os caçadores vivem num cosmos carregado de valores religiosos e suas reações diante da natureza são condicionadas muitas vezes pela sua visão de mundo expressa nos produtos culturais. (ELIADE, 1992, p. 19)

Com o crescente movimento migratório do habitante da zona rural para os centros urbanos, com ele foram transportados também os seus mitos, fazendo aparecer nas cidades entidades antes exclusivas de região de mata. Deslocado o centro de onde o sujeito se posiciona, o homem, levando consigo o seu imaginário povoado de seres fantásticos, processa uma ressematização dos novos espaços, fazendo com que a habitante da mata também se transfira para a cidade. Em alguns relatos esse deslocamento é inquestionável.

À pergunta se a Caipora já o havia enganado, um senhor responde: “ Já me enganou. Em Alagoinhas mesmo, já me perdi, ali no ponto do Franciscinho, ali na igreja do galo, sabe onde é?”. (Ângelo de Jesus. Teodoro Sampaio, 1998)

A mesma pergunta, uma outra pessoa responde:

Dentro da rua, foi ni um lugar que chama São Gonçalo dos Campos. Aí eu evinha assim, da casa de uma amiga(...). Aí eu vi gritar assim: “Evem boi!”. Eu corri pra frente. (...) Minha fia, até hoje eu ando nesse campo. Era. Ia no campo, voltava, descia na linha do trem até lá em baixo e vortava de novo.(...) Mas você acredita que de uma hora da tarde eu fiquei até cinco hora nesse vai e vem, assim, indo e vortando?” Só com a ajuda de uma pessoa consegui chegar em casa. “essa caipora me enganou. A gente não vê ela não! (Deuza, Teodoro Sampaio, 1998).

Harrison, ao comparar o espaço urbano com o da floresta, destaca algumas semelhanças entre esses dois espaços. Para ele, a cidade se torna uma floresta urbana, lugar de solidão em que a selvageria se esconde no fundo do coração dos humanos. A floresta urbana “Les villes finissent par ressembler en image aux fôrets – elles deviennent des lieux de solitude spirituelle où la sauvagerie se tapit au fond des coeurs des hommes et des femmes”(HARRISON, 1992, p. 33).

## Conclusão

O esvaziamento dos conteúdos religiosos leva as pessoas afirmarem: “[...] hoje não tá existindo mais isso, mas antigamente eu acredito que existia muita coisa porque a minha mãe me contava muitos casinho assim, sabe?” (fernandina Paranhos Chaves, Salvador, 1989).

Será que o deslocamento desses seres míticos da floresta para a cidade não significa uma necessidade do homem manter as suas relações psíquicas com o espaço de que nos fala Zumthor em *La mesure du monde*? Será que as mudanças, às vezes, radicais no meio ambiente não provoca a desorganização desse Cosmos repercutindo na sobrevivência desse espaço simbólico? Será que o desmatamento não planejado não afetará também o conjunto das criações míticas aí forjadas, operando mudanças significativas nas camadas profundas do imaginário, enfraquecendo os arquétipos que regiam essas relações? Deixo essa questão como ponto de reflexão para todos nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, João da Silva. Contos e fábulas populares da Bahia. In: MAGALHÃES, Basílio de. **O folclore no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3.ed. Rio de Janeiro, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HARRISON, Robert. **Fotêts: essai sur l’imaginaire occidental**. Paris: Flammarion, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

ZUMTHOR, Paul. **La mesure du monde**. Paris: Seuil, 1993.